

ANNO III  

---

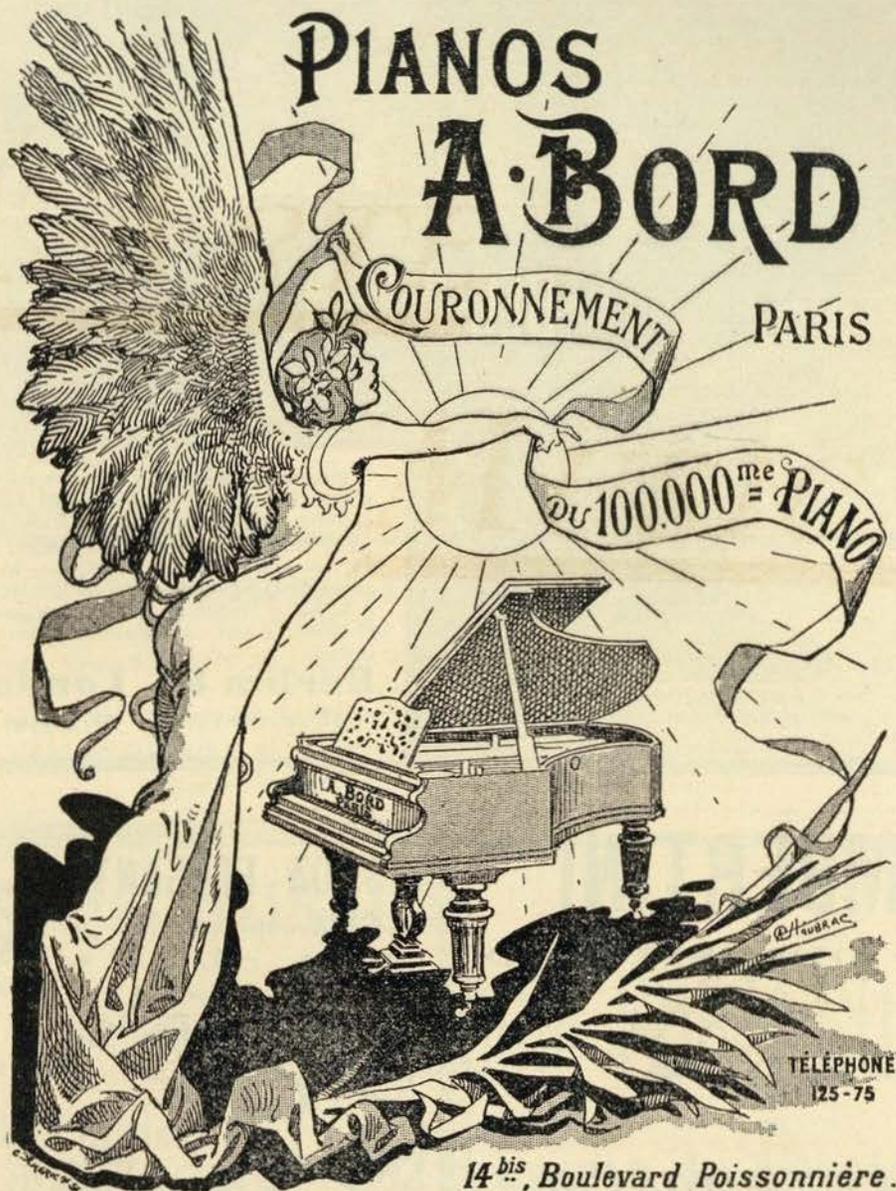
NUMERO 49

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Praça dos Restauradores, 43 a 49  
LISBOA





Commendador da ordem de Christo (1894)

---

Fabricação annual. ....	3.000 pianos
Produção até hoje .....	100.000 pianos

---

*Exposição Universal de Paris (1900)*

MEMBRO DO JURY — HORS CONCOURS

A ARTE MUSICAL  
**Publicação quinzenal de musica e theatros**  
 LISBOA



**Fornecedor das cortes de SS. MM.**  
 o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.  
 — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.  
 — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico.  
 — Rainha d'Inglaterra. — Rainha Regente de Hespanha.  
 — Rei da Romania. — SS. AA. RR. o Duque de Saxe Coburgo-Gotha.  
 — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

**Berlim N. London W**  
 57, Johannisstrasse 40, Wigmore Street

**LAMBERTINI**  
 UNICO DEPOSITARIO  
 DOS  
 PIANOS  
 DE  
**BECHSTEIN**

**LISBOA ELEGANTE**  
 Casa especial de gravatas, colarinhos e punhos

**M. C. ALVES**

NOVIDADES DE LONDRES E PARIS  
 16, Praça de D. Pedro, 17-LISBOA



**LUVARIA**  
**GATOS**

268 — Rua Aurea — 270  
**LISBOA**

**TRIDIGESTINA LOPES**  
 Preparada por F. LOPES, pharmaceutico

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

**PHARMACIA CENTRAL**  
 De F. LOPES & C.<sup>a</sup>  
 108, R. de S. Paulo, 110—LISBOA

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR  
*Michel'angelo Lambertini*

87, Rua do Norte, 103

EDITOR  
*Ernesto Vieira*

SUMMARIO — Eugène Ysaye — A flauta na antiguidade — Notas vagas — Theatro de S. Carlos — Notas soltas — Sociedade de instrumentos antigos — O Piano Pedalier — Concertos — Concurso de violino no Conservatorio — José Ferreira da Silva Junior — Noticiario — Necrologia — Expediente.



EUGÈNE YSAYE

## EUGÈNE YSAÏE

Que admiravel paiz é a Belgica!

Um pequeno recorte da França, um resto da antiga Flandres, povoada por energeticos e robustos descendentes das antigas raças dos flamengos e vallões, em pouco mais de meio seculo tem-se engrandecido na industria, no commercio e nas artes a ponto de fazer sombra aos tres colossos visinhos: França, Allemanha e Inglaterra!

Pelo que respeita á musica, o amor que o povo belga tem por esta arte é tradicional e vem de muito longa data. É na Belgica que está o coração dos antigos contrapontistas flamengos, que floresceram nos seculos xv e xvi, ensinando a toda a Europa a arte dos sons simultaneos, produzindo mestres que ainda hoje são objecto da nossa admiração e cujas obras n'este mesmo momento se estão desenterrando dos velhos archivos conventuaes para virem de novo, á luz da imprensa moderna, despertar o nosso pasmo pela arte antiga.

Desde Guilherme Dufay, que no meiado do seculo xiv estabeleceu escola em Roma, até Palestrina, oriundo d'essa escola, todos os musicos mais celebres são flamengos. João Ockeghem (o *Queguem* de que nos fala João de Barros) e seu discipulo Joaquim des Près (que produzia a suave *musica jusquina* citada por Antonio Prestes), foram os mestres de toda a Europa musical na Renascença.

É a pequena cidade de Liege, tres ou quatro vezes menor que Lisboa, um dos principaes focos d'onde sempre tem irradiado essa grande luz, e que ainda nos nossos dias tem sido patria de notabilissimos artistas.

Este por exemplo: Eugenio Ysaye ou Isaias.

Um dos maiores violinistas que a Europa e America tem ultimamente applaudido, orgulho da Belgica, cortinador e aperfeiçoador da bella escola de Beriot, Vieuxtemps e Wieniawski.

Nasceu em Liege a 16 de julho de 1858, e de seu pae recebeu as primeiras lições de violino, entrando depois para o conservatorio da sua cidade natal.

As raras disposições que desde a infancia revelou foram notadas por Wieniawski que o attrahiu a Bruxellas para o aperfeiçoar, e depois por Vieuxtemps, que tendo-o ouvido em Antuerpia levou-o para Paris e fez d'elle o seu discipulo mais estimado.

Ysaye, julgando-se já com forças para voar, bateu as azas em 1879 e foi para a Allemanha, estreitando-se em Colonia, debaixo dos auspicios de Fernando Hiller, n'um

concerto dado em homenagem á memoria de Mendelssohn. Depois tocou em Francfort com Clara Schumann, depois no Gevendhaus de Leipzig, e até 1881 desempenhou o logar de *concertmeister* na orchestra Bilsse, de Berlim.

Esteve em seguida na Suecia, Noruega, Russia, vindo a Paris em 1884. N'esta cidade, tendo recebido a consagração do seu talento fazendo-se applaudir nos concertos de Colonne e do Conservatorio, foi chamado para professor no Conservatorio de Bruxellas onde tem produzido excellentes discipulos.

Desde então Ysaye, dedicando ao seu paiz a maior parte do seu trabalho artistico, emprega a época de ferias em excursões á Allemanha, a Londres, Russia, America, etc.

Em 1885 fundou em Bruxellas a sociedade de quartettos que tem o seu nome e é uma das mais notaveis que existem, e todos os annos realisa, associado com Raul Pugno, sessões de musica para piano e violino, em que os mestres antigos e modernos são interpretados com suprema distincção.

Além de violinista, Ysaye é chefe d'orchestra primoroso, tendo fundado tambem em Bruxellas a Sociedade de Concertos Symphonicos, que todos os annos dá uma série de notabilissimos concertos.

E. VIEIRA.



## A FLAUTA NA ANTIGUIDADE

Depois da lyra, é a flauta o instrumento de que a antiguidade nos transmitiu maior numero de noticias e de que a mythologia fez maior numero de ficções.

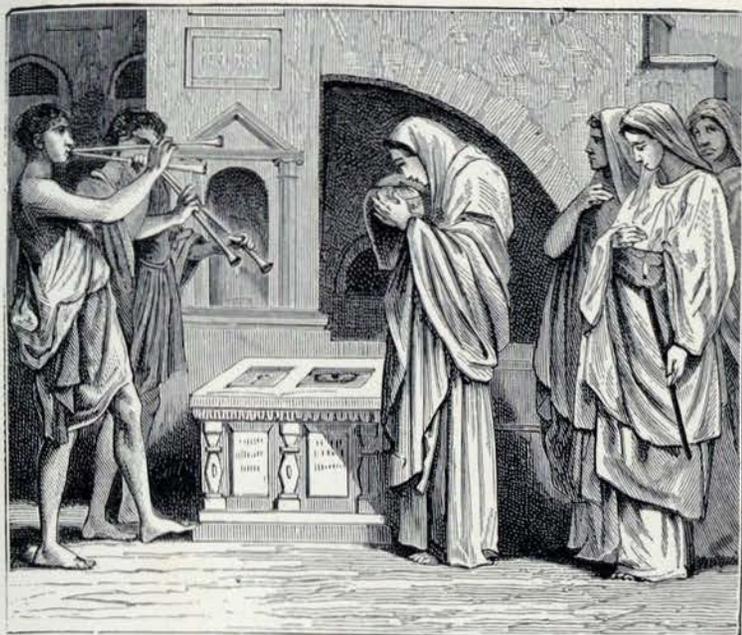
Como a lyra, era a flauta um symbolo; esta representava a arte rustica, enquanto aquella symbolisava a arte nobre.

A figura de um satyro tocando na «agreste avena», como diz Camões, significava o homem rude dos campos entregue aos seus prazeres singelos; uma divindade dedilhando a lyra, era o homem civilisado fazendo d'esses prazeres um ideal sublime.

Por isso a mythologia fez sobre a origem da flauta aquella graciososa ficção que transformou a nympha Syrins—«Syrins a esquivada»—n'um cannival d'onde o apaixonado Pan cortou os tubos para a primeira flauta.

«*Pan primus calamus cera conjungere plures, instituit.*»

Outra mais nobre origem lhe deram tambem: foi Minerva quem a inventou, no dizer de Ovidio traduzido por Castilho, que



põem na boca da deusa das artes as seguintes palavras:

«...No rol das artes  
invenção minha, include-se a dos frauteiros.»

«Eu n'um tubo de buxo abrindo uns furos,  
(Lembrança que até ahí ninguém tivera)  
fui a inventriz da flauta sonora.

Tangia-a com prazer; até que um dia  
como assim me inlevava ao rez de um lago,  
olho no liquido espelho, e pasmo ao vêr-me  
do mimoso semblante o bojo tumido.

*Não vale a pênã* exclamo; *em paz te queda*  
*frauta minha*; e lancei-a de arremesso  
ao meio do hervança!...

Cabe porém aqui uma explicação: o nome de flauta—*aulos* em grego, *fistula*, *tibia* ou *calamus* em latim—designava genericamente, na linguagem dos antigos, uma familia de instrumentos da qual a flauta moderna não é mais do que uma especie.

Os egypcios tinham quatro especies principaes: uma grande a que chamavam *mam* ou *lotos*, feita com a haste do lodão; outra mais pequena denominada *ginglara*, outra dupla, quer dizer, formada de dois tubos paralelos, e enfim a *sebi* ou *sebé* que era a flauta transversal predecessora das que hoje usamos. O som n'ellas era produzido soprando-se por uma das extremidades do tubo, e o ar impellido para a aresta de uma fendã aberta um pouco mais abaixo cortando obliqua-

mente a espessura do tubo, estabelecia as ondas sonoras; é exactamente o systema empregado hoje nos tubos de orgão chamados «flautados», e n'esse instrumento bem pouco musical denominado *apito*.

Os francezes chamam á flauta que produz o som pelo systema do apito: *flûte à bec*; talvez não seja um abuso da phantasia dar á palavra «apito» esta origem etymologica: *à bec*.

Na Grecia tornaram-se as diversas formas das flautas mais numerosas, e a immensa variedade de epithetos que a linguagem hellenica lhes dava fazia com que parecessem infinitas.

Apenas uma d'essas se assimilava á flauta moderna; era a *plagiaulos*, ou flauta egypcia.

Outra conserva ainda a sua forma primitiva: a *syrens*. feita de caniços cortados em pequenos tubos deseguaes e enfileirados como o frontispicio de um orgão em miniatura.

De todas as diversas flautas, com excepção da *plagiaulos* e da *syrens*, umas produziam o som pelo systema de apito, outras por meio de uma lamina delgada chamada *glotta* ou *glossa*, que significa «lingua».

Esta lingua ou lingueta, que hoje os nossos musicos chamam «palheta», era a principio feita de metal e simples, isto é de uma só lamina; depois fizeram-na dupla como a palheta do oboé e do fagotte, e tambem, como diz Plinio o Antigo, a mesma canna de que se construiam as flautas servia para fazer a *glotta*.

Estamos já tratando de objectos nossos



conhecidos. Disse que a glotta das flautas gregas tem agora na nossa linguagem o nome de palheta; resta accrescentar que *calamaulos*, cuja denominação significa literalmente «flauta de canna», chamada em latim *calamus*, tornou-se na baixa latinidade em *calameila* e em *chalamella*, a lingua franceza mudou-a em *chalumeau*, a hespanhola em *caramillo* e a portugueza, mais fiel á mãe commum, conservou-a em «charamela». Esta veio pois a ser o tronco principal da familia de instrumentos que actualmente denominamos «instrumentos de palheta», florescentes vergontas dos canhões de Pan.

As flautas duplas tinham a utilidade de produzir maior ou menor numero de sons, empregando-se ora um ora outro dos dois tubos.

Para que a mudança se podesse fazer facilmente, tinha o tocador um tira de coiro denominada *phorvia* ou *phorbeia*, com que cingia as faces e cujas extremidades juntava na parte posterior da cabeça, acima da nuca. A *phorbeia* tinha, no sitio que cobria a bocca do aulete, uma abertura onde elle introduzia a embocadura do tubo que devia funcionar em quanto o outro se apoiava um pouco ao lado, de sorte que sendo necessario trocar os tubos bastava um pequeno movimento para que mudassem de logar.

(Continua)



## NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXII

De Lisboa.

Embora para uns ainda o seculo XX não haja principiado, e para outros já esteja no seu segundo anno de existencia, desde que a maioria, optando por uma versão diversa d'estas duas, resolveu adoptar uma terceira e vem a ser que elle começou agora, eu irei com a maioria, e a presente será portanto a primeira carta que n'elle aqui lhe escrevo, minha gentil e encantadora amiga.

Em tal ordem de idéas deveria eu talvez consagrar ao cyclo historico que acaba de fechar-se algumas linhas, ao menos, de gratidão e de homenagem, visto que apesar de todas as suas estranhas e flagrantes contradicções, elle foi innegavelmente um luminoso periodo de emancipação e de verdade...

Deixou, é certo, em suspenso, na consciencia e no espirito, milhares de temerosos

e formidandos problemas, que mal postos uns, e medrosamente encarados outros, sem cessar lhe atravancaram o caminho e por largo periodo embaraçarão ainda os passos do que lhe succedeu; mas não lhe podemos regatear, querida amiga, agradecimentos sinceros, pelo ardente desejo que elle sempre mostrou—de acertar, e pela generosa aspiração que nunca deixou de animal-o—para vencer; tão pouco saberemos esquecer, que tendo agitado os mais altos ideaes, e defendido os mais grandes sentimentos, havendo enxugado algumas lagrimas, que seculos anteriores tinham feito verter, bastantes causas realisou, em nome das quaes julgo que deveremos perdoar-lhe, muitas tambem das lagrimas que elle proprio por sua vez nos obrigou a chorar.

Ah! não foi como tantos o sonhámos e entrevimos, não! e vergonhosamente deixou que lhe rasgassem, na sua velhice innumeras paginas d'ouro e de sol que entusiasmado escrevera na sua mocidade; para de algum modo, porém, resgatar essas faltas que em determinados casos chegaram a ser crimes, não lhe parece que só pela coragem com que elle pelejou as grandes causas e pela ingenua confiança que n'ellas poz, em certa maneira merece o nosso perdão, pois que em tantissimas emergencias decisivas e até tragicas lhe pertence o nosso reconhecimento?!

Bem vê, boa amiga, que as batalhas eram cyclopicas, os monstros erguiam-se horrendos, e os baluartes por vezes pareciam inexpugnaveis, porque os levantavam e os sustinham os nossos preconceitos, as nossas paixões, as nossas proprias conveniencias! O que não impediu que em mais de um assalto memoravel elle ficasse vencedor, e contra nós mesmos nos salvasse e defendesse.

E eis ahí tambem, minha senhora, porque a estrada que vamos seguindo nos apparece ainda hoje tão atulhada de detricitos, tão remexida de escombros, com laivos de lodo e sangue, e pedaços de ideaes desfeitos, de principios meio mortos, e de formulas meio vivas...

De tudo isso tem de sahir, ha-de sahir um dos fios conductores d'este seculo XX em que dizem estamos, e com essa poeira variada e estranha, obreiros da hora presente levantarão o edificio de amanhã...

Dentro d'elle procuraremos então abrigar-nos todos, e cada um de nós por sua vez tentará architectar o seu sonho, tecer a teia dourada da sua illusão, e esperar, esperar o alvorecer dos novos dias e a alvorada de novos mundos...

E assim de seguida por todos os seculos dos seculos sem fim!

Mas, atomos imperceptíveis n'essa poeira viva, que enche o tempo e que percorre o espaço, não se imagina V. Ex.<sup>a</sup> mais ou menos solidaria com toda essa onda immensa de entusiasmo e de fé que sendo obra da criação, explica o nosso destino e assegura a nossa immortalidade?

Creio que sim e pela minha parte isso me consola das lamentáveis e innumeradas lacunas que ainda noto ao longo da nossa tão atormentada viagem...

E pelo que mais exactamente pôde caracterisar o seculo extincto, o que vejo é que, em resumo, elle terá sido melhor que os que o antecederam, e sem duvida que esses retrocessos dos seus ultimos annos constituem por força o balanço indispensavel para formar o salto em virtude do qual o seu espirito que não morre, porque é o nosso proprio espirito, ha-de ascender a mais luz e a mais sciencia, a mais justiça e a mais verdade...

Assim, acredito, acredito piamente que o genio descobrirá outras e ainda mais formosas leis, conceberá outras e sempre divinas obras, feitas de pureza e de amor, de realidade e de paixão, n'uma palavra, trará ás nossas almas mais alegrias, aos nossos olhos mais luz, ás nossas impacencias mais paz...

A Musica hade ter successores dignos de Schumann e de Beethoven, de Chopin ou de Wagner, a Poesia verá surgirem astros como Hugo ou como Goethe, e a Sciencia, coroação suprema de todo o saber e de todo o esforço, de certo fará nascer novos Pasteurs, novos Listers e novos Kocks...

É preciso, minha amiga, embalar-mos com estas deliciosas chimeras, e realisarmos enfim pela vontade e pelo desejo, essa aurea idade de bemaventurança e de ventura d'onde a lenda insinua que proviemos e para onde um sagrado e mysterioso instincto do melhor nos segreda que avançamos...

Pelo que, por exemplo, pessoalmente me toca, o seculo que desapareceu levou-me não poucas illusões, e no seu ultimo anno arrebatou-me amigos inestimaveis pelo coração e pelo espirito, mas se nada se perde nem na natureza nem na existencia, conforme a velha sentença, possa o humus bemdito d'esses estremecidos restos fazer reverdecer na minha alma os germens de algumas novas esperanças, e logre eu, querida amiga, ao realisar algumas d'ellas, merecer com uma boa palavra sua, de approvação ou de estímulo, a consoladora certeza de que ella simultaneamente representa o pensar e o sentir das almas suas irmãs...

AFFONSO VARGAS.

## THEATRO DE S. CARLOS

Não é d'hoje que se ouvem queixas a respeito da decadencia da arte de canto; mesmo na sua epoca aurea. nos seculos XVII e XVIII, a par de cantores admiraveis, d'uma virtuosidade irreprehensivel, houve sempre mediocridades que puzeram em risco aquella sublime arte. Hoje, porem, se continuar o inveterado processo de no espaço de poucos mezes transformar um habilidoso ou um pretenso discipulo n'um cantor d'opera lyrica, não é para surprehender que dentro de poucos annos alguns theatros lyricos se vejam na necessidade de fechar as suas portas, dada a quasi impossibilidade de fazer cantar uma opera, mesmo moderna, d'um modo accetavel.

Dos cantores modernos apenas durante os ultimos annos ouvimos dois, a soprano Regina Pacini e o tenor Bonci, que fazem honra á arte de canto. Alguns outros, dignos de nota, que ainda por ahi nos apparecem, são estrellas no occidente, cujo fulgôr não nos offusca, e que na sua maioria mais devem á prática do que aos mestres que os ensinaram. os recursos vocaes com que por vezes nos dão prazer, sem que nos deleitem.

Reverencia ainda assim a essas reliquias da arte, ás quaes devemos a satisfação de ver resurgir da sepultura dos archivos uma ou outra partitura do velho repertorio, condemnado ao olvido pela impericia dos modernos mestres de canto e pela pressa dos que teem disposição e elementos para se dedicarem á carreira lyrica.

A 29 de dezembro passado foi cantada a *Norma*, esse formoso bouquet de expressivas e deliciosas melodias com que Bellini enriqueceu a opera lyrica. Para cantar o sentimental e inebriante *spartito* não bastam duas sacerdotisas d'Irminsul; são precisas duas sacerdotisas da arte, duas cantoras d'elite, como as que os antigos mestres Tosi, Mancini, Lanza, Pistocchi e outros sabiam produzir, e cujo segredo parece ter desapparecido, como o verniz dos antigos violeiros de Cremona.

As sr.<sup>as</sup> Del Frate e Mantelli couberam respectivamente os papeis de Norma e Adalgisa. Uma e outra são dignas de elogio pelos esforços que empregaram para se desempenharem o melhor possivel do arduo e difficil encargo, conseguindo fazer-nos ouvir uma *Norma* accetavel, como ha muitos annos não ouviamos.

A sr.<sup>a</sup> Del Frate, cuja voz a não coadjuva nos lances dramaticos em que o vigôr de

sonoridade é de primeira importancia, sabe dizer com muito sentimento e expressão as melodias em que os mais intimos affectos da alma vão interessados; se nos passos d'agilidade não é d'uma nitidez e perfeição irreprehensíveis, é d'uma justeza d'afinação digna de louvôr e mostra ser uma artista que com dedicação se entregou ao estudo da velha opera de Bellini, dando a todo o papel de Norma uma interpretação apropriada.

A sr.<sup>a</sup> Mantelli foi uma cantora correcta, digna do applauso que o auditorio lhe conferiu, e agradou-nos a interpretação que soube dar a todo o papel de Adalgisa. O mesmo diremos do baixo Torres de Luna, cuja voz sã e bem timbrada apenas precisava de ser melhor conduzida. Defeito dos cantores modernos.

O tenor Ceppi em todas as operas que cantar ha de ressentir-se da falta de preparação da voz, não podendo nem sabendo aproveitar os bellos recursos naturaes de que dispõe.

Os côros e orchestra exigem muitas vezes correctivos d'afinação e de attenção, que nem sempre a boa direcção e indicações do maestro Goula podem dar-lhes.

No dia 3 do corrente reapareceu na *Gioconda* a sr.<sup>a</sup> Helena Theodorini. Os outros interpretes principaes foram as sr.<sup>as</sup> Mantelli e Giaconia, e os srs. Menotti, Perelló e Palet.

A sr.<sup>a</sup> Theodorini, que ha 9 annos aqui tinhamos ouvido tambem na *Gioconda*, tem n'esta opera uma das suas melhores creações. Dos seus meritos como actriz e cantora quasi é desnecessario falar, por demasiado conhecidos entre nós. Por isso apenas diremos que a distincta artista foi recebida com as honras que lhe cabiam.

Menotti foi inexcedivel na interpretação que deu ao papel do libidinoso e traiçoeiro espião do Conselho dos X. As srs.<sup>as</sup> Mantelli e Giaconia, assim como o baixo Perelló contribuíram para o regular desempenho da opera.

Tornou a apparecer na *Gioconda* o sr. Palet. Embora a *tessitura* em que a opera está escripta quadre melhor aos recursos vocaes de que este artista dispõe, ficou ainda assim muito aquem do que regularmente é exigido a um tenor d'opera lyrica.

Sucedem-se as *premières*. Tivemos no dia 8 o *Othello* e no dia 9 a *Carmen*.

Menotti deu como actor ao papel de Yago uma interpretação superior, deixando, como era de esperar, bastante a desejar como cantor, por isso que a sua voz não tem o vo-

lume nem a vibração requeridos por certos trechos musicaes.

Torres desempenhou-se regularmente da parte que lhe coube. Os outros artistas é que não poderam satisfazer cabalmente ás exigencias da opera.

Pertencem á *Carmen* as honras de ter agradado á generalidade dos espectadores, fazendo subir a temperatura dos applausos. Reappareceu o tenor De Marchi, que cantou em S. Carlos ha talvez 6 annos e é hoje um artista muito considerado, que sabe o que faz e como canta, e que ao papel de D. José deu todo o relevo possivel, mostrando que o *spartito* de Bizet lhe é muito familiar.

As magnificas qualidades de cantora e comediante de que a sr.<sup>a</sup> Mantelli dispõe permittiram-lhe dar á *Carmen* uma interpretação que satisfez, pois que a *tessitura* em que a parte da protagonista foi escripta está perfeitamente na voz da distincta artista. Apenas desejaríamos que substituísse uma ou outra nota demasiado aguda.

A parte de Escamillo foi cantada pelo barytono De Luca, que não desmereceu dos seus bons creditos.

Na parte de Michaela reapareceu a sr.<sup>a</sup> Mantelli, que conserva como cantora as mesmas qualidades já de nós muito conhecidas.  
14 de janeiro.

ESTEVES LISBOA.



## NOTAS SOLTAS

O grande problema da preeminencia da organização sem estudo, sobre o estudo sem organização, problema que Horacio não poudo resolver definitivamente para os poetas, parece-me igualmente difficil de determinar para os musicos.

BERLIOZ.

\*

Consegue-se ser pianista; nasce-se acompanhador.

OSCAR COMETTANT.

\*

Existe uma lei phisiologica que determina que os seres, nas diversas phases do seu desenvolvimento, tornem a passar pelas suas formas ancestraes; é em virtude d'esta lei que toda a boa educação artistica implica o estudo dos Mestres do passado.

C. SAINT-SAENS.

\*

Foi a musica que me fez crêr em Deus.

ALFRED DE MUSSET.

## SOCIEDADE DOS INSTRUMENTOS ANTIGOS



Como complemento da descripção que em tempos lhes fiz d'este interessante grupo d'artistas e da inesquecivel impressão esthetica que me produziu uma audição de instrumentos antigos a que me foi dado assistir na Sala de concertos da Exposição, peço licença para brindar os meus caros leitores com a reproducção de uma deliciosa photographia, gentilmente offerecida a este jornal pelos promotores d'essa memoravel audição.

Acariciando o teclado de madre perola d'um precioso cravo de Taskin, está o principe dos cravistas contemporaneos, o incansavel propagandista da musica antiga que se chama Louis Diémer e que sem vislumbre de lisonja podemos considerar uma das glorias mais lidimas da actual arte franceza — ao lado, Laurent Grillet cuja vastissima erudição se tem salentado em obras de grande tomo, como os seus admiraveis *Ancêtres du Violon* e que não hesitou em ir desenterrar de um lamentavel ostracismo um instrumento que os mendigos já desdenhavam, a sanfona, para fazer d'elle uma coisa encantadora — em pé, um artista não menos illustre, Louis van Waefelghem empunhando uma riquissima viola d'amor, com a etiqueta authentica de Paolo Aletzie, em que o notavel quartettista advinhou o segredo de nos dizer poemas singularmente suggestivos — e finalmente, afinando uma cravelha recalcitrante da sua *viola da gamba*, esse

pobre Jules Delsart, arrebatado tão prematuramente pelo Destino á sua arte querida e ás glorias que tão merecidamente lhe estavam reservadas.

Em 8 de Março de 1895 dava a *Sociedade dos Instrumentos antigos* a sua primeira audição, com character privado, no confortavel palacete do seu primeiro fundador e director, o infatigavel Diémer, e vinte dias depois tinha logar a primeira exhibição publica, na sala Pleyel, com exito sobremodo lisongeiro, como era de esperar.

A partir de ahi, começaram trabalhando os corajosos concertistas na divulgacão da sua obra de reconstituição artistica e no enriquecimento do seu repertorio por meio de pacientes e judiciosas investigações nas obras dos velhos mestres, ignoradas ou esquecidas.

Percorreram as principaes cidades da



França, foram a Bruxellas, a Londres, a Roma, sem esquecer nunca a sua *epochina* de Paris, que se tem feito regularmente na Sala Erard, desde 1896.

Pela perda de Delsart, lançaram mão de Georges Papin, um novo cheio de talento, cujo retrato também acompanha este artigo; só lhes direi que difficilmente se esquece quando se teve a fortuna de o ouvir uma vez.

A obra de propaganda dos sympathicos artistas francezes tem tido naturalmente imitadores em varios paizes, dos mais avançados em arte, pensa-se ou já se pensou em organizar grupos para desenvolver o gosto pela musica antiga, fazendo apreciar as obras primas de remotas epocas.

E nós?... Se não receiasse peccar por indiscreção, dir-lhes hia que um grupo de amadores portuguezes, que na Musica de Camara se tem evidenciado em iniciativas do mais alto interesse artistico, começou já ha mezes alguns trabalhos n'este sentido e prosegue ardentemente no seu empenho...

E se n'outras luctas soube vencer com tanta galhardia, porque não ha de ser igualmente feliz n'esta?

L.



## O PIANO PÉDALIER

Systema Cateura

Entre as poucas novidades na fabricação de pianos que appareceram na Exposição de Paris, figurou um instrumento da invenção do senhor Cateura, fabricante estabelecido em Barcelona.

Tem este piano seis pedaes, com estas denominações: celeste, forte, tonal, surdina, claro e harmonico.

Os pedaes chamados celeste e forte, correspondem aos usuaes; o pedal tonal, que não é verdadeiramente uma novidade, tem por fim manter a prolongação de um som ou de um accorde enquanto as outras notas ficam sob a acção dos abafadores.

Os tres pedaes restantes é que são novos. O pedal surdina serve para produzir sons muito suaves, levando o pianissimo até á exaggeração. A sua novidade consiste na perfeita e rara egualdade que communica aos sons sem deixar de os prolongar, e na delicada gradação que se pode obter combinando-os com os pedaes celeste e forte.

O pedal claro contrasta com o precedente pela intensidade e clareza dos sons, cujo timbre original lembra um pouco o dos antigos cravos.

O pedal harmonico produz os sons harmonicos da oitava superior em cada corda; por sua intervenção podem-se ligar duas notas em oitava, d'um modo perfeitissimo, baixando simplesmente o pedal depois de ter tocado a primeira nota. A mesma ligação se pode fazer com um accorde completo, reproduzindo-o oitava acima.

Este novo systema é muito elogiado pelas pessoas que o teem analysado, distinguindo-se pela simplicidade do seu machinismo e variedade de effeitos que offerece ao pianista.



Na impossibilidade de dar na integra o programma da brilhante festa musical com que Mad.<sup>me</sup> Vieira Marques quiz solemnizar o primeiro dia do anno, não nos podemos furtar ao prazer de registrar o nome d'aquelles que com o seu talento contribuíram para o esplendor d'esse inolvidavel sarau.

E antes de tudo curvemo-nos em presença da gentil dona da casa, uma artista bem conhecida de toda Lisboa musical, e saudemos a soberba interpretação da Aria da *Tosca* e dos duettos da *Gioconda* e dos *Huguenotes*, com que a primorosa cantora quiz brindar os seus convidados.

Fizeram-se também ouvir, com fervorosos applausos a Sn.<sup>a</sup> Viscondessa d'Almeida Araujo e os sympathicos artistas de S. Carlos, Andres Perello e G. de Luca.

A parte instrumental foi confiada aos seguintes artistas e amadores:

PIANO:—D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso.  
D. Maria de Magalhães, D. Luiza da Motta Cardoso e A. Rey Colaço.

ORGÃO:—D. Adriana de Magalhães.

VIOLINO:—Andrés Goni, Henrique Sauvinet e Julio de Magalhães.

VIOLONCELLO:—Antonio Duarte da Cruz Pinto.

FLAUTA:—Dr. Ferreira Cardoso.

Ainda concorreram para o realce d'esta memoravel festa uma talentosa *diseuse*, Mad.<sup>me</sup> Weinstein e o grande actor Augusto Rosa que recitaram monologos e poesias.

\*

A Real Academia de Amadores de Musica começou no dia 4 a sua serie annual de concertos, mas d'esta vez, felizmente para todos que se interessam pela sympathica sociedade, apresentando-se no Salão da Trindade, o que parece significar ter a Academia abandonado a sala Portugal da Sociedade

de Geographia, excellente, cremos bem, para o fim a que a destinaram, o qual foi outro mui diverso do de fazer d'esse vasto recinto uma sala de concertos.

Como o concerto fosse o primeiro d'uma nova serie (a 18.<sup>a</sup>), a parte inicial do programma era consagrada á solemnidade da distribuição de premios aos alumnos melhor classificados nos exames da Academia.

A duas ultimas partes do programma compunham-se de musica vocal e orchestral.

Comecemos pela primeira, porquanto quem a executou era uma solista e uma senhora, e alem d'esses dois titulos de prioridade teve a gloria de conquistar, mercê d'incontestavel merito, as honras d'essa audiçãõ musical.

Referimo-nos á sr.<sup>a</sup> D. Angelina Valadim, cantora amadora, já evidenciada nos ultimos concertos do seu professor, o maestro Veliani.

Tão gentil de presença, como notavel de temperamento artistico, a sr.<sup>a</sup> D. Angelina Valadim dispõe d'uma voz de soprano não de muito volume, mas formosa e de timbre insinuante, e sabe já empregal-a com um methodo, onde a par da intelligencia da discipula se confirma a proficiencia do seu professor.

Cantou a distincta amadora a Valsa do *Romeu e Julieta* e o 1.<sup>o</sup> andamento da cavatina do *Poliuto*, e alem d'estes trechos o *Ideale* de Tosti e *Conseils à Ninon* de Weckerlin.

Em todas estas peças a sr.<sup>a</sup> Valadim se fez applaudir como merecia. E', porém, de notar que a aria do *Poliuto* e a melodia de Tosti foram as de mais esmerada interpretação.

Na execução da primeira admirámos o apropriado do estylo, amplo e pastoso, e na da romança de Tosti, a exacta expressãõ d'idealidade que o auctor quiz que a sua composiçãõ apresentasse.

A orchestra que na abertura de *Tutti in maschera* se resentia de estar recomeçando os seus trabalhos, manteve-se depois mais firme executando uma composiçãõ do *maestro* Goñi, peça sobre motivos populares hespanhoes em fórma de *pot-pourri*, que julgamos ter o habil director d'orchestra composto ha muito tempo.

O numero principal do programma era a *Jeunesse d'Hercule*, poema symphonico de Saint-Saens. Como peça de *musique à programme* tem o seu argumento que transcrevemos tal, qual se encontra nos programmas do concerto:

«Conta a fabula que a Hercules, ao entrar na vida, depararam-se-lhe dois caminhos: o do prazer e o da virtude. Despresando as seduções das Nymphas e das Bachantes o

heroe segue pela senda das luctas e combates, no fim da qual antevê, entre chammas e martyrios, a recompensa da immortalidade.»

A composiçãõ assenta principalmente sobre dois motivos de caracter diverso, nos quaes Saint-Saens quiz evidentemente symbolisar a virtude e o prazer.

Entre a exposiçãõ do segundo e a *reprise* da phrase inicial, nota-se um movimento vivo e fogoso, brilhante no colorido da instrumentaçãõ, e que a nosso ver é a melher pagina do poema symphonico. Mais tarde sobrevevem uma passagem energica tratada em fórma de *fugato*. No remate da composiçãõ mostrou o symphonista, mais que em outro ponto d'este seu trabalho, o proposito de para ella compôr musica descriptiva.

Naquelles desenhos ascendentes dos violinos pretendeu elle por certo imitar o que quer que fosse. Mas tanta cousa d'ahi se pode inferir que o melior é deixar aos amadores de musica descriptiva o cuidado de ligarem a essa passagem a ideia que lhes apraza.

Abstraíndo, porém, dos taes intuitos imitativos que, quanto a nós, equivalem a forçar a musica a sahir do circulo da sua acçãõ expressiva, a *Jeunesse d'Hercule* é um magnifico trabalho, digno do mestre que o produziu, d'uma contextura effizaz e engenhosa e d'um effeito fortemente impressivo.

O concerto terminou com a marcha, *Chant de Gloire* de Gabriel Marie, composiçãõ bastante fraca, a que o auctor talvez por isso mesmo imaginou dar certa robustez mediante alguns compassos da marcha do *Tannhauser* que lhe metteu de permeio.

A grande parte do publico agradou, porém, soberanamente o seu movimento marcial, porque aproveitando-lhe o rythmo, foi se andando caminho de casa logo ao começo do trecho, o que, sobre accommodar quem quiz ouvir, constituiu um acto de desprimor, visto que os executantes na qualidade de consocios dos espectadores, parece-nos bem merecerem d'estes a cortezia de se não retirarem antes de findar o concerto.

Pelo menos, nós julgamos assim.

\*

No salão do Centro Commercial do Porto (palacio do Conde da Trindade) reuniu o professor Ernesto Maia no dia 7 a elite dos seus amigos e admiradores, apresentando-lhes as suas discipulas de piano e de canto em uma esplendida audiçãõ de musica de Schumann.

Apesar do programma ser um tanto prolixo, mereceu a execução os mais rasgados elogios por parte da imprensa portuense.

No *Orpheon Portuense* tambem realisou na mesma data um interessante concerto o conhecido professor e pianista Alfredo Napoleão.

\*

Continúa o nosso amigo e illustre professor Moreira de Sá, a sua louvavel obra de evangelisação, com as sessões artisticas do seu Salão na Rua de Santo Antonio.

O ultimo programma que temos á vista, constou do 7.<sup>o</sup> *Quartetto* de Beethoven e do *Quintetto* de Sinding, que ainda não tinha sido ouvido em Portugal, mas que infelizmente não foi executado na integra.

Não deixou porem de ser uma audição de grande importancia, tanto pelo lado da propaganda, como pelo acabado da execução, em que além do mestre, collaboraram os Srs. Henrique Carneiro, Benjamin Gouveia e D. Guilhermina Suggia.

\*

Nas artisticas salas do eminente professor Rey Colaço teve logar ante-hontem uma *matinée* do mais alto interesse como todas as que o sympathico artista costuma organizar em sua casa.

Entre outras obras de reconhecido valôr executaram-se as 15 invenções de Bach, a 2 vozes.

Sentimos que a antecedencia excepcional com que este numero tem de ser feito nos prive de entrar em mais promenores a proposito d'esta interessante audição.

\*

Ensaia-se activamente em S. Carlos os annunciados concertos.

Consta-nos que as primeiras obras que se ouvirão já estão em bom andamento. São ellas a *Arlesienne* de Bizet (primeira suite), uma das symphonias do *Fidelio*, o preludio do *Parsifal* e a cavalgata e scena do fogo das *Walkirias*, alem de outros trechos de menor tomo.

O violinista Thibaud, cujo retrato e biographia publicamos ha pouco, chegará brevemente a Lisboa. Tomará parte na primeira *matinée* que é dedicada a S. M. a Rainha e cujo producto reverterá a favor do Instituto Ultramarino.



## Concurso de violino no Conservatorio

Realisou-se em 7 do corrente o concurso para o logar de professor auxiliar da aula de rabeca no Conservatorio Real. Eram concorrentes os srs. Julio Caggiani e José Julio Cardona da Silva.

A' elegante sala de concertos d'aquelle estabelecimento official de ensino havia convergido grande numero de curiosos, ávidos de ouvirem as provas prestadas pelos concorrentes, ambos dotados de não vulgar propensão para a carreira que encetaram, mas tambem sem ambos se poderem vangloriar de terem sido iniciados na arte por professores que lhes podessem transmittir os bons principios e as tradições de uma escola.

Designou a sorte o sr. Cardona para ser o primeiro a prestar as provas, as quaes depois foram dadas alternadamente, retirando da sala e para local afastado o candidato que não estava sendo examinado, como prescrevia o programma.

Começou o concurso pela exposiçãõ oral. Ambos os candidatos fallaram tão baixo que, na sala, pouco se poude ouvir.

De quando em quando destacava-se o nome de um violeiro celebre, o que nos fez presumir que os candidatos se referiam á historia do violino. Depois apanhava-se aqui e acolá o nome de um concertista ou de um professor de nomeada, não sendo ás vezes respeitada a ordem chronologica. Por fim, e como estabelecia o programma, fallaram a largos traços no methodo de ensino.

Admitte-se que um candidato a um logar de professor ajudante, deva ter conhecimentos do instrumento que vae ensinar e dos *virtuosi* que o illustraram, mas para que exigirem-lhe uma exposiçãõ do methodo de ensino?

Teria todo o cabimento esta exigencia n'um conservatorio em que ao professor fôsse dada toda a latitude na adopção dos estudos, consoante as aptidões do alumno, mas no nosso, em que é imposto o curso adoptado, não ha rasão para tal. Demais, não é crível que um professor ajudante seja chamado a propôr modificações no curso em vigor; a isso se oppõe a gerarchia.

Pelo regulamento actual o professor ajudante não poderá ascender á 1.<sup>a</sup> classe sem que passe por novo concurso.

Que n'este se exija a theoria do ensino, comprehende-se.

O sr. professor Guimarães dirigiu aos candidatos uma pergunta ácerca de harmonicos naturaes, pergunta a que nem um nem outro respondeu, conquanto fôsse simples e ao alcance de qualquer medianamente versado em physica elemental. Parece que, tratando-se de cousas concernentes ao violino, os candidatos devessem ter sido interrogados por qualquer dos dois srs. professores da especialidade. Ignoramos quaes os motivos porque o não foram.

Seguiu-se a peça á escolha dos candidatos.

O sr. Cardona deu-nos o concerto militar de Bazzini.

Este concerto tem bastantes difficuldades de execução, no entanto está longe de exigir tantos requisitos quantos são os necessários para apresentar condignamente o 2.º Concerto de Wieniawsky que tocou o segundo concorrente o sr. Caggiani.

Temos presente o *Guia do Violinista* de Alberto Tottmann. Divide elle os concertos conhecidos em 6 graus de difficuldade, quer de digitação quer de estylo, fraccionando o 6.º gráo em *a* e *b*, o que quasi equivale a uma gradação mais.

Colloca o concerto de Bazzini no gráo 5.º e o de Wieniawsky em 6. b., isto é, a par do que mais difficil se tem escripto para o instrumento.

O sr. Cardona tocou com bastante bravura, boa sonoridade e sahindo-lhe nitidos e afinados os passos mais escabrosos de digitação, merecendo entre elles especial menção os de cordas dobradas que feriu com firmeza. Foi pena o seu acompanhador não ter moderado a sonoridade do piano, de fórma a deixar sobresahir mais a rabeca.

A posição do braço e da mão esquerda do sr. Cardona são assaz correctas. Não se pôde dizer outro tanto do braço direito e sobretudo da mão. Quasi sempre estava *no ar* o dedo mínimo, cuja funcção é a de contrabalançar a pressão exercida pelos demais, afim do arco ficar melhor equilibrado para o ataque das notas.

Não obstante este defeito, extrae o sr. Cardona um som sympathico e redondo do instrumento; verdade é que a rabeca em que tocou o auxiliou um tanto, por ser de boa sonoridade.

Seguiu-se o sr. Caggiani com o concerto de Wieniawsky, o qual está no repertorio de quasi todos os *virtuosi*.

Não foi feliz o sr. Caggiani. A par de uma afinação nem sempre impecavel, notámos-lhe uma certa languidez nas phrases largas, além de precipitação nos passos de execução.

Fosse devido á commoção ou á falta de preparação, deixou bastante a desejar a fórma por que interpretou este concerto.

Por varias vezes havíamos ouvido este artista, tínhamos direito a esperar mais e muito mais.

Acerca da posição, notamos no braço direito os mesmos senões que apontamos acima ao sr. Cardona, aggravados aqui pela incorrecta posição da mão e do braço esquerdo.

É muito possivel que o leitor ache ligarmos importancia demasiada á posição. É sabido que hoje se não faz tanto reparo a

este respeito, como antigamente se usava.

Concertistas ha que fogem das regras estabelecidas, sem que no entanto este facto lhes empane o prestigio de que se veem cercados. Não devemos perder de vista que no caso presente se trata de um concurso para professor, destinado a encaminhar os primeiros passos do alumno.

Coube em seguida a vez á audição do concerto 22 de Viotti, a peça imposta pelo programma. Incontestavelmente era este concerto a pedra de toque pela qual se podia aferir o merecimento relativo dos concorrentes. Era-lhes licito executarem as cadencias que quizessem.

O sr. Cardona, que havíamos ouvido com agrado no Concerto de Bazzini, não nos deixou tão bem impressionados n'este Concerto.

Atacou o primeiro movimento n'um andamento vertiginoso, obrigando o arco a saltar o que é contra todos os preceitos estabelecidos para este genero de musica. Viotti deve ser tocado de fórma que o arco nunca abandone a corda. «L'archet bien à la corde» como se expressam os francezes.

Deu-nos em geral um Viotti *pequeno*, sem grandeza alguma e adornado (?) de umas cadencias (cremos que do proprio executante) completamente em desaccordo com o character da musica. Uma das cadencias, sobretudo (a dos pizzicati da mão esquerda) admittir-se-hia talvez em qualquer trecho ligeiro moderno mas nunca n'um concerto classico.

O sr. Caggiani andou mais avisadamente tocando o Concerto anotado por David e com as cadencias do mesmo. Approximou-se bem mais da verdadeira maneira de interpretar Viotti, se bem que não imprimisse o sentimento devido ao adagio.

Aqui foi bem palpavel de quanto valem as tradições. Estavamos em frente de dois artistas dotados e possuindo ambos bastante mecanismo. Confessamos que bem melhor impressão nos deixaram d'este concerto os discipulos todos do mallogrado Victor Husla, e não poucos foram os que o tocaram. No entanto nenhum d'elles possuía as facilidades mechanicas dos dois concorrentes.

Não podemos ficar para ouvir a peça á primeira vista. Consta-nos ter sido um andante de uma sonata de Dancla.

Dado o longo tirocinio de orchestra de ambos os candidatos é de suppôr que ambos desempenhassem cabalmente esta prova que, de resto pouca importancia tinha para o caso, pois que professores ha, e bem distinctos por tal signal, que relativamente pouco leem á primeira vista.

Voltamos a ouvir as peças de violeta.

O sr. Cardona tocou o Cantabile de Fierck e o sr. Caggiani o Concerto de Rudger.

Francamente nem um nem outro é obra de valor; ainda assim daremos a preferencia ao primeiro, com menor difficuldade de digitação do que o segundo, mas mais difficil como estylo. Infelizmente em peças de violeta, ha pouco por onde escolher.

Parece-me que n'esta prova o jury deve ter graduado em igualdade de circumstancias os dois concorrentes. Quasi seria dispensavel esta prova. Todo o violinista toca violeta, o ponto é habituar-se a lêr na clave correspondente e familiarisar-se com a tessitura do instrumento, o que tudo demanda de pouco estudo. Houve tambem a analyse technica de um trecho apresentado pelo jury e que nos constou ter sido o 1.º andamento da Sonata de Tartini conhecida pelo «trillo do Diabo». Não ficamos sabendo, quem melhor analysou o trecho.

Estava terminado o concurso, e o jury procedeu a dar o seu veredictum.

Foi graduado em primeiro lugar o sr. Cardona, mas a differença de valores dados a um e outro foi tão pequena que quasi chegou a haver empate.

Pensavamos e comnosco muitos pensarão da mesma fórma, que, de todas as provas prestadas deveria ter sido sem duvida a mais importante a execução do concerto de Viotti. Enganamo-nos redondamente. Para se fazer uma comparação, tanto mais seguro póde ser o juizo quanto maior fôr a analogia entre os termos a comparar.

Pelo regulamento, tanta importancia deveria merecer ao jury o Concerto imposto como a peça apresentada á escolha dos candidatos.

Segundo o programma, devia esta ser uma peça de concerto. E' um tanto vaga esta indicação, pois que não são só os *concerti* as peças admittidas em concertos.

Outras ha em que a *maneira de dizer* sobreleva as difficuldades de digitação. No concurso do actual sr. professor de primeira classe Bettencourt, tocou elle uma peça d'este ultimo genero.

Quiz o acaso que os dois concorrentes escolhessem cada um um concerto, embora mais facil um do que o outro. Se um tem escolhido uma peça de bravura e outro uma de estylo, em que difficuldade se teria visto o jury, para dar a sua classificação.

Seja como fôr a apparente pouca importancia ligada á peça principal do concurso, mercê do regulamento, foi prejudicial ao sr. Caggiani.

A. G.

## GALERIA DOS NOSSOS

José Ferreira da Silva Junior



Quando o espiituoso Rossini desfechou sobre flautas e flautistas a cruesa de um sarcasmo não tinha de certo á mão quem o conseguisse commover, com a simples avena rustica, como eu proprio me deixei impressionar por vezes ao escutar certas phrases d'este artista-amador.

A flauta, digamos a verdade, não é instrumento de um lyrismo estonteador. Ha quem diga até que é pobre de effeitos e de timbre, piegas na phrase larga, monotona nas interminaveis volatas com que nos quer disfarçar a sua falta de nobresa. Em certo livro, onde se confrontavam curiosamente as côres com os diversos orgãos sonoros, vi que a flauta era azul.

Azul, sim, mas d'um azul deslavado e triste, azul sem expressão nem vida, azul que em nada se parece com essa abobada cerulea que nos cobre, pontilhada aqui e acolá de fulgidos diamantes.

E apesar de tudo, que poemettos de graça e delicadesa, que sentidos suspiros, que rendilhadas endeixas nos sabe cantar este major dilettante, com material tão mesquinho!

Cada vez me convengo mais que para fazer arte boa e sã, ha só dois elementos que se tornem indispensaveis: Alma e Cerebro. Tudo o mais são detalhes mais ou menos secundarios.

SCHAUNARD

## NOTICIARIO

Do paiz

A illustre professora d'harpa, a Snr.<sup>a</sup> D. Rachel Luisello dignou-se distinguir esta redacção com uma amavel visita que respeitosamente lhe agradecemos.

Esta notavel harpista que durante longos annos esteve afastada do magisterio, bus-

cando longe de sua patria allivios para uma pertinaz enfermidade, fixa de novo a sua residencia aqui, felizmente restabelecida, e propõe-se a recommençar os seus trabalhos d'arte, com a mesma dedicação e proficiencia que outr'ora lhe valeram para conquistar a consideração de toda a gente, no nosso pequeno meio musical.

Além de se dedicar ás lições particulares, vae tambem a Snr.<sup>a</sup> D. Rachel abrir um Curso de Harpa, com uma retribuição mensal verdadeiramente modica, o que facilitará a todos o estudo do elegante instrumento.

Felicítamos pois de antemão as nossas gentis leitoras que desejem confiar a sua direcção artistica a tão distincta professora.

O director d'esta folha foi convidado pelo Dr. Oscar von Hase, de Leipzig, presidente da União dos editores de musica allemães para tomar parte, na qualidade de representante dos editores portuguezes, no grande congresso que se vae verificar n'aquella cidade em Junho proximo.

Entre outros assumptos da mais alta importancia para o commercio musical, propõe-se este Congresso a organizar uma Associação permanente que tenha por intuito principal a defesa constante e mutua dos interesses d'esta classe; para o effeito seria encarregado o nosso director de fundar a União de todos os commerciantes de musica e editores portuguezes, o que se lhe affigurou desde logo, por triste experiencia, d'uma difficuldade insuperavel.

Por dever de consciencia, não podia deixar de declinar o honroso e lisongeiro convite.

Nos nossos ultimos numeros, redigidos sob uma dolorosa impressão e desculpavel desassocego d'espírito não pudemos alludir á Missa de festa que em 8 do mez passado se executou no templo de Santos-o-Velho e que foi uma promettedora primicia d'um dos nossos talentosos musicos, o sr. José Henrique dos Santos.

Consta-nos que o novel compositor apresentou, n'essa sua estreia, um trabalho ponderadamente feito e por vezes inspirado, conseguindo em alguns numeros ferir com rara felicidade a tecla religiosa, o que a muitos compositores sacros frequentemente esquece.

Em outros numeros, parece que o talentoso debutante se não poude furtar ao ephemero prazer de lisongear a multidão com a phrase dramatica de que o vulgo é geralmente guloso, mas que ali nos parece deslocada e até censuravel.

Em todo o caso, como trabalho inicial e encarado no seu conjuncto. merece louvores a tentativa do sr. Santos, sentindo nós apenas que a execução estivesse bastante abaixo do valôr da obra.

A nossa casa editora acaba de receber os dois novos trechos que em tempo annunciámos: *Natus est Jesus* para canto por P. F. da Costa Pereira e um *Pas de Quatre* de Alfredo Mantua. Acham-se já á venda nas principaes casas de musica de Lisboa e Porto, pelo preço de 500 réis cada peça.

Alem do erudito artigo de critica que n'outro lugar inserimos acerca do concurso de rebecca no Conservatorio e que é devido á captivante amabilidade de um dos nossos mais finos apreciadores d'arte, *double* de profundo conhecedor do violino, desejaríamos dar tambem aos nossos leitores um *compte rendu* do Concurso de Harmonia, que comecou a 9 do corrente mez, no salão do mesmo Conservatorio.

Encontramo-nos porem um tanto embaraçados, não só pela escassez do espaço, mas principalmente porque tendo de ser entregue este numero da revista á imprensa com desusada antecedencia, é-nos impossivel esperar pela resolução final do jury que presidiu ao concurso, o que torna portanto a noticia absolutamente incompleta.

Os unicos concorrentes foram os srs. Padre Thomaz Borba e Antonio Eduardo.

Na prova oral o sr. Borba analysou detalhadamente os principaes tratados de harmonia, nas suas bases essenciaes, confrontando os diversos systemas theoreticos em que elles assentam.

O sr. Antonio Eduardo discursou sobre a historia da musica e traçou as diversas evoluções porque tem passado a sciencia da harmonia e os processos pedagogicos que na actualidade se empregam.

As provas escriptas, que foram *à huis clos* e se prolongaram por todo o resto da semana passada consistiram em uma fuga a 4 partes, uma scena dramatica com acompanhamento de grande orchestra, um quartetto desenvolvido sobre um motivo dado e um baixo cifrado para harmonisar e metter em contra ponto a quatro partes.

O grande pianista Paderewski, o primeiro interprete de Chopin que hoje existe, virá a Lisboa, segundo os desejos por elle mesmo manifestados, no proximo mez de março. E' uma noticia gratissima que damos

aos nossos leitores, que decerto exultarão como nós de se nos proporcionar occasião de apreciarmos o celebre artista.

Está em via de publicação no Porto um novo trabalho theorico de Bernardo Moreira de Sá, *Compendio de musica*, que versará sobre solfejo, harmonia, contraponto, acustica, metrica, fórma e esthetica, instrumentação e historia musical.

É dividido em varios livros, estando por ora só publicado o primeiro, em edição muito elegante, e minuciosamente revista.

Entre as commemorações funebres em suffragio do fallecido Evaristo Lambertini, não podemos deixar de mencionar as duas em que a nossa suggestiva arte teve um papel preponderante, contribuindo em larga parte para dar a essas tristes solemnidades a nota grave e emotiva que por vezes escasseia em manifestações d'esse genero.

A primeira missa a que desejamos referir-nos foi a que em 5 do corrente mez, mandou dizer no templo do Loreto a irmandade italiana de que o finado era provedor. A parte musical foi confiada aos alumnos das officinas de S. José, entre os quaes notámos magnificas vozes, pacientemente educadas pelo P.<sup>e</sup> Concina que os acompanhava no órgão com grande sabedoria e elevação. O professor Léon Jamet quiz tambem prestar uma sentida homenagem ao finado cantando admiravelmente uma Avé-Maria em que soube pôr uma grande unção e uma sincera nota de saudade.

A segunda manifestação teve logar trez dias depois na mesma Egreja e foi promovida pelos bons companheiros de Michel'angelo Lambertini na *Sociedade de Musica de Camara*, de que elle é um dos fundadores. Foi portanto um acto de piedade para com o extincto e ao mesmo tempo uma affirmacão inolvidavel de amizade para com o filho.

Tiveram os illustres quarttetistas, os Srs. Augusto Gerschey e José Relvas (violinos) Antonio Lamas (violeto) e D. Luiz da Cunha e Menezes (violoncello) a gentillissima idéia de acompanhar o acto religioso com uma primorosa audição d'essas divinas *Sete palavras de Christo*, de Haydn, tão cheias de mysticismo e de doçura e que o proprio auctor classificava como uma das suas melhores creações.

E inutil será dizer-se que o fizeram com a sinceridade e sentimento de verdadeiros amigos e com a proficiencia de verdadeiros mestres.

Seria pois imperdoavel falta não agrade-

cer aqui a todos, essas commoventes manifestações de sympathia e de saudade.

Foi fixar a sua residencia em Vizeu, para onde o chamaram as obrigações da sua posição, o nosso bom amigo e illustre amador Paulo do Quental.

Por concessão especial do Sr. Governador Civil poderão assistir as senhoras com chapéu, ás matinées-concertos que se vão realisar no Theatro de S. Carlos.

### Do estrangeiro

Para combater o alcoolismo na Russia, existem ali syndicatos organizados para facilitar ás classes populares os meios de empregarem intelligentemente as horas de descanso em vez de se entregarem ao jogo e ás bebidas. Esses syndicatos teem estabelecido casas com salas de leitura, concerto, representações populares, e onde só se vende chá. No fim de 1898 tinha a sociedade geral 501 salas de concerto e de conferencias, 91 theatros populares, 138 orchestras publicas, e no mesmo anno organisaram 4568 conferencias, 602 representações, 445 festas populares e 438 concertos e saraus dansantes.

Agradou muito no Rio de Janeiro a opera brasileira «Jupira», do joven compositor Francisco Braga, discipulo de Massenet. Cantou-se no theatro lyrico durante vinte noites consecutivas, sempre entusiastamente applaudida, dedicando-lhe os jornaes extensos artigos elogiosos.

No Royal College of Music, de Londres, a recita annual dada pelos alumnos realistou-se este anno com a *Euryanthe* de Weber, que desde 1882 não era cantada em Londres.

Uma discipula de Chopin, mademoiselle Gavard, ultimamente fallecida, legou á bibliotheca do conservatorio de Paris diversas composições autographas que possuia do grande mestre.

Vendeu-se em Londres ha poucos dias uma boa colleccão de instrumentos italianos antigos, que attrahiram a attenção dos amadores. Dois violinos de Gian-Battista Guaragnini obtiveram os preços 145 e 155, libras, Gian-Battista Guaragnini, dis-

cipulo do proprio pae que a seu turno tinha aprendido com Stradivarius, foi um dos melhores violeiros de Cremona. Um violoncello de Fernando Gagliano, neto de Alexandre Gagliano, fundador da escola de Napoles, foi vendido por 400 libras. Outro Violoncello de Giovanni Baptista Rugeri teve comprador que deu por elle 56 libras. Rugeri, que trabalhou em Cremona desde 1670 até ao principio da seculo XVIII, era um dos bons discipulos de Nicolas Amati.



Nas camaras francezas discutiu-se com certo calor a construcção de um novo edificio para o Conservatorio de Paris, que realmente se encontra muito mal installado, de um modo pouco proprio para a grande capital.

Alguns deputados falaram sobre a necessidade, á muito tempo sentida e notada, de essa construcção, mas os ministros responderam com evasivas denunciadoras de má vontade. Succede isto em França para consolação da nossa pobreza.



DE ROMA (*directamente*). — Vae abrir d'aqui a poucos dias, talvez a 18, o theatro lyrico d'esta cidade. Faz parte da companhia a Bellincioni, que dará aqui algumas recitas antes de partir para Lisboa, o tenor Bonci e alguns outros artistas já conhecidos em Portugal.

A época consta de 32 recitas de assignatura, ao preço de 205 libras por cada lugar de platéa. Comprada avulso cada localidade attinge ás vezes preços mais ou menos exagerados, conforme a procura.

A primeira recita será com a nova opera de Mascagni, *Le Maschere*, ensaída e dirigida pelo proprio auctor. Annuncia-se tambem a *Fedora* com a Bellincioni, uma opera inedita e diversas do velho repertorio.

A cidade eterna não tem uma grande predilecção pelo theatro e mesmo os numerosos estrangeiros que a ella affluem preferem os museus, os monumentos, as ruinas, tudo o que lhes faz recordar a Roma antiga e que realmente se presta aos mais largos estudos de Arte retrospectiva, nas suas mais grandiosas manifestações.

Ruim terra para empzarios theatraes.



Um medico allemão acaba de publicar em Leipzig um livro em que defende uma these tão nova como singular. Intitula-se a obra «Contra a musica — a presente mania musical e suas fataes consequencias.» Nega este musicophobo que a arte musical tenha o

menor valor educativo e esthetico, incluindo na questão social a «peste pianistica.»

A musica instrumental não tem para elle motivo algum d'existir e a vocal é uma inutilidade.

Dizem os jornaes d'onde extrahimos a noticia que o livro contra a musica é interessante para se ler como objecto de curiosidade. Dispensamos por falta de tempo para nos occuparmos de *snobismo*.



A Direcção do jornal allemão *Neue Musikalische Presse*, annunciou, em 23 de dezembro de 1900, que abria concurso a um premio de 300 corôas para a melhor composição de uma pequena peça para orchestra de instrumentos de cordas, podendo concorrer qualquer compositor.

Esta ultima indicação parece significar que o concurso é internacional, sendo admittidos os concorrentes sem distincção de nacionalidade. O praso de admissão termina no 1.º de março proximo.



O ministro da instrucção publica em Italia dirigiu a Verdi a seguinte telegramma: «O seculo que acaba de findar foi testemunha dos triumphos da sciencia e da arte, transmittindo ao novo seculo um immenso patrimonio de gloria. D'esta riqueza intellectual deve se-vos uma parte. Ao alvorecer do seculo XX cumpre-me, como Ministro do Rei, dirigir-vos uma respeitosa saudação e manifestar-vos o ardente desejo de que vos conserveis por muitos annos ainda, objecto do culto da patria e admiração do mundo civilisado.»

Saint-Saens prometteu escrever um bailado especial, de novo genero, para se representar nas enormes Arenas de Béziers. A obra do illustre compositor será baseada sobre as seguintes idéas: segundo a tradição dos gregos, que encerravam os espectaculos com scenas o mais alegres possivel, este bailado será uma especie de bachanal do mais divertido effeito. Terá o titulo de *Bachus mystifié*, e o deus do vinho apparecerá em companhia de Sileno, no meio de uma multidão de bachantes em danças suggestivas e doidas, exprimindo pela mimica tudo quanto diz respeito á vinha e ao vinho. Os grandiosos espectaculos que todos os annos, no verão, se realisam nas Arenas de Béziers, e aos quaes concorrem muitos milhares de espectadores populares que ali correm de todas as povoações proximas, são sustentados por um generoso e riquissimo Mecenaz, M. Castelbon de Beauxhostes.

## NECROLOGIA

Trouxeram-nos o mez passado os jornaes do Brazil uma triste noticia que por absoluta falta de espaço não poude ser publicada antes.

Falleceu no Rio de Janeiro Ignacio Porto Alegre, um douto musico que residiu quasi 20 annos em Lisboa, onde recebeu a sua educação musical e onde contava numerosos amigos.

Quando na Capital federal se creou o Instituto Nacional de Musica, foi Ignacio Porto Alegre convidado para reger a cadeira de solfejo e canto coral — o que fez com singular competencia durante alguns annos até que a doença e supomos que tambem umas immerecidas apreciações o obrigaram a abandonar o seu posto.

\*

N'esta quadra terrivel em que a implacavel Morte tem ceifado tantas existencias preciosas, tem a nossa restricta Arte Portugueza de prantear tambem um dos seus mais valiosos ornamentos.

Augusta Cruz, uma cantora de curta mas brilhantissima carreira deixou de pertencer ao numero dos vivos.

Ha uns 12 annos estrejava-se no Porto em uma representação do *Fausto*, que alguns amadores promoveram e onde a gentil senhora, interpretando o Siebel, patenteou tão felizes dotes de cantora que resolveu ir receber da doce Italia o baptismo da Arte e mais tarde a merecida consagração do seu talento.

Assim succedeu. Em agosto de 1889 deixava a sua patria, assegurando desde logo no paiz do *bel-canto* as mais animadoras protecções, graças á doçura do seu character e ás especiaes aptidões que para a scena lyrica lhe havia prodigalisado a natureza.

Julio Ricordi, o editor-potentado, adivinhou em Augusta Cruz uma artista de grande envergadura e não hesitou em recommendal-a aos melhores mestres e aos melhores emprezarios. Não tardou um auspiciosissimo *debute*, no *Trovador* e a seguir a essa primeira manifestação que a critica enalteceu com largos louvores, uma serie não interrompida de triumphos em todas as principaes cidades italianas.

Foi tambem ao Brazil, ás Antilhas, ao Mexico. E no Novo Mundo a sua boa estrellla tutelar acompanhou-a ainda com todos os iriados reflexos do app auso.

Depois veiu o descanço forçado, a inexoravel doença e por fim o repouso eterno.

Paz á sua alma e um pouco de conforto a esse bom Manoel Carneiro, a quem a perda da desventurada artista deixa na mais dolorosa viuvez.

## EXPEDIENTE

Acompanha este numero o *Indice* das materias tratadas no segundo anno de publicação do nosso jornal.

D'aqui a poucos dias estarão promptas as capas para a encadernação dos numeros referentes a esse anno, que fornecemos ao preço de 400 rs.

São em percalina, com elegantes e artisticas gravuras, expressamente feitas por um dos nossos mais habéis artistas.

Encarregamo-nos tambem do trabalho de encadernação, de qualquer dos annos já publicados, ao preço de 200 réis por volume.

A exemplo do que fizemos o anno passado, temos igualmente a encadernação de luxo, em vitella imitando *couro da Russia*, que se fornece ao preço de 17500 réis, incluso o trabalho de encadernação.

Rogamos pois aos nossos estimaveis assignantes que queiram ter encadernados os volumes da *Arte Musical*, queiram mandar-nos com a possivel brevidade os respectivos numeros e receberão em troca os volumes já promptos.

\*

Pela excessiva abundancia de original tivemos que dar excepcionalmente 16 paginas a este numero.

A ARTE MUSICAL  
Publicação quinzenal de musica e theatros  
LISBOA

Gravura a talho doce e em pedra



Lithographia — Encadernações

**IMPRESSÃO DE MUSICA**

E INDUSTRIAS ANNEXAS

GRAVURA DE MUSICA, TYPOGRAPHIA MUSICAL, AUTOGRAPHIA

50 prelos rapidos — 30 prelos manuaes — Pessoal da casa: — cerca de 700 empregados

**EXECUÇÃO BOA E PONTUAL — PREÇOS SEM COMPETENCIA**

Enviam-se listas de preços e specimens de capas

**VICTOR HUSSLA**

**4.<sup>A</sup> RAPSODIA PORTUGUEZA**

**A' venda**

em todos os Armazens de Musica

BERLIM — **Carol Otto** — BERLIM

Os pianos de Carol Otto são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim, de primeira qualidade, mecanismo de repetição systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afniação segura  
Construcção solida

BERLIM — **CAROL OTTO** — BERLIM

**AGENCIA INTERNACIONAL DE EXPEDIÇÕES**  
**CARL LASSEN**  
**HAMBURGO**

Succursaes em : Bremen, Lubeck, Stettin Christiania

*RECOMMENDA OS SEUS SERVIÇOS*

Aos Srs. Importadores de generos allemães e austriacos, etc.  
e aos Srs. Exportadores para a Africa, India, etc.

**SERVIÇO COMBINADO PARA LISBOA E PORTO**

*SERVICO ESPECIAL PARA A AFRICA OCCIDENTAL*  
pelos paquetes da «C.<sup>a</sup> WOERMANN»

**Correspondencia portugueza**

# **CARL HARDT**

**FABRICA DE PIANOS — STUTTGART**

A casa **Carl Hardt**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **Carl Hardt** distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **Carl Hardt** obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **Carl Hardt**, em Portugal.



# PROFESSORES DE MUSICA

<b>Adelia Heinz</b> , professora de piano, <i>Rua do Jardim, á Estrella, 12.</i>
<b>Alberto Lima</b> , professor de guitarra, <i>Rua do Salitre, 108, 2.º E.</i>
<b>Alberto Sarti</b> , professor de canto, <i>Travessa de S. Mamede, 8, 2.º E.</i>
<b>Alexandre Oliveira</b> , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
<b>Alexandre Rey Colaço</b> , professor de piano, <i>Rua Nova de S. Francisco de Paula, 48</i>
<b>Alexandrina Castagnoli</b> , professora de canto, <i>Rua de Santa Martha, 35, 3.º</i>
<b>Alfredo Mantua</b> , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
<b>Andrés Goni</b> , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
<b>Candida Cilia de Lemos</b> , professora de piano e órgão, <i>L. de Santa Barbara, 51, 5.º D.</i>
<b>Carlos Botelho</b> , professor de piano, <i>Largo do Conde Barão, 18, 3.º E.</i>
<b>Carlos Gonçalves</b> , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
<b>Carlos Sampaio</b> , professor de bandolim, <i>Rua d'Andaluz, 5, 3.º</i>
<b>Elvira Rebello</b> , professora de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES).</i>
<b>Ernesto Vieira</b> , <i>Rua do Carrião, 21, 1.º E.</i>
<b>Francisco Bahia</b> , professor de piano, <i>Rua da Procissão, 109, 1.º</i>
<b>João E. da Matta Junior</b> , professor de piano, <i>Rua Garrett.</i>
<b>Joaquim A. Martins J.º</b> prof. de cornetim e mestre de philarmonicas. <i>T. da Espera 56, 3.º</i>
<b>Joaquim Francisco Vieira</b> , professor de canto, <i>Largo da Annunciada, 6, r/c.</i>
<b>José Henrique dos Santos</b> , professor de violoncello, <i>Rua de S. João da Matta, 61, 2.º</i>
<b>Julio Cardona</b> , professor de violino, <i>Rua Antonio Maria Cardoso, 2, 3.º</i>
<b>Lucila Moreira</b> , professora de musica e piano, <i>Rua do Salitre.</i>
<b>M.ª Sanguinetti</b> , professora de canto, <i>Rua de S. Bento, 11, 3.º</i>
<b>Manoel Gomes</b> , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
<b>Marcos Garin</b> , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
<b>Maria Margarida Franco</b> , professora de piano, <i>Rua Luz Soriano, 13, 1.º</i>
<b>Maria da Piedade Reis Farto</b> , professora de piano e violino, <i>R. da Boa Vista, 180, 1.º</i>
<b>Mathilde Girard</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º E.</i>
<b>Octavia Hansch</b> , professora de piano, <i>Rua de S. João da Praça, 126, 3.º D.</i>
<b>Odoardo Nicolai</b> , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
<b>Philomena Rocha</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º</i>
<b>Rachel Luisello</b> , professora de harpa, <i>Rua do Prior, 54.</i>
<b>Rodrigo da Fonseca</b> , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, r/c.</i>
<b>Victoria Mirés</b> , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º D.</i>

## A ARTE MUSICAL

### PREÇOS DA ASSIGNATURA SEMESTRAL

(Pagamento adiantado)

Em Portugal e colonias, 12 numeros do Jornal e 12 fasciculos do Diccionario, tendo 16 paginas cada fasciculo.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800

PÓDE ASSIGNAR-SE EM QUALQUER ÉPOCA

### PREÇO AVULSO 100 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA